



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Anderson Spessatto

Leonardo Santos Lorenzoni

Primeira pro Fim – A história da criação e fim da primeira liga profissional de futebol americano do Brasil

RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão de Curso

apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*

ministrada pela Prof. Fernando Crócomo

no segundo semestre de 2016

Orientador: Prof. Carlos Augusto Locatelli

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC			
ANO	2016.2		
ALUNO	Anderson Spessatto, Leonardo Lorenzoni		
TÍTULO	Primeira pro Fim - A história da criação e fim da primeira liga profissional de futebol americano do Brasil		
ORIENTADOR	Carlos Augusto Locatelli		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis (x) Brasil () Santa Catarin () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Futebol Americano, Esporte, Brasil Onças, Torneio Touchdown		
RESUMO	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso conta a história da LFA (Liga de Futebol Americano), a primeira liga profissional da modalidade no Brasil. A liga estava prevista para começar no segundo semestre de 2013, mas seu fim foi comunicado poucos dias antes do seu lançamento. A LFA tinha um projeto ambicioso e completo, com líderes de torcida, jogadores americanos e estádio próprio em São Paulo. Através da forma de documentário em vídeo de 50 minutos, o trabalho entrevista os principais personagens da história para explicar, de forma cronológica, o que aconteceu com a liga. A ambição de seus idealizadores, o desenvolvimento que traria para a modalidade tanto em nível técnico quanto estrutura, e o legado que deixou mesmo sem ter existido.</p>		

SUMÁRIO

1 RESUMO.....
2 CONTEXTUALIZAÇÃO.....
3 JUSTIFICATIVA.....
3.1 Do Tema.....
3.2 Do Formato.....
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO.....
4.1 Pré-apuração.....
4.2 Apuração.....
4.2.1 São Paulo.....
4.2.2 Curitiba.....
4.2.3 Florianópolis
4.3 Fontes.....
4.4 Edição.....
5 DIFICULDADES E APRENDIZADO.....
5.1 Anderson Spessatto.....
5.2 Leonardo Lorenzoni.....
6 VIABILIDADE
7 ORÇAMENTOS.....
8 REFERÊNCIAS
8.1 Bibliográficas.....
8.2 Filmográficas.....
9 ANEXOS.....

1. RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso conta a história da LFA (Liga de Futebol Americano), a primeira liga profissional da modalidade no Brasil. A liga estava prevista para começar no segundo semestre de 2013, mas seu fim foi comunicado poucos dias antes do seu lançamento. A LFA tinha um projeto ambicioso e completo, com líderes de torcida, jogadores americanos e estádio próprio em São Paulo. Através da forma de documentário em vídeo de 50 minutos, o trabalho entrevista os principais personagens da história para explicar, de forma cronológica, o que aconteceu com a liga. A ambição de seus idealizadores, o desenvolvimento que traria para a modalidade tanto em nível técnico quanto estrutura, e o legado que deixou mesmo sem ter existido.

Palavras-chave: jornalismo, futebol americano, esporte, Liga de Futebol Americano, documentário.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O futebol americano nasceu em 1876, quando representantes das universidades de Harvard, Princeton e Columbia padronizaram a modalidade. Antes disso, cada escola, clube e universidade jogava do seu jeito. O futebol americano é uma adaptação ao rugby, que foi levado para os Estados Unidos em 1860. O esporte chegou lá depois que os jovens estadunidenses de famílias ricas voltaram de seus intercâmbios de estudo na Inglaterra. Foi o atleta e jornalista Walter Camp que criou as regras dos *downs*, a principal diferença para o rugby. Toda vez que o atleta fosse derrubado dentro de campo, o juiz interromperia o jogo para que os times se realinhassem e reiniciassem a partida em uma nova jogada (*down*). O time tinha três chances para avançar cinco jardas (hoje em dia são quatro chances para avançar 10 jardas). Se não conseguisse, a posse da bola era do adversário.

No começo do esporte, o futebol americano era basicamente corridas ou passes laterais, concentrando jogadores em pequenas partes do campo. Como ainda não jogavam com equipamentos ou com regras que protegiam os atletas, muitos jogadores sofriam lesões graves e no ano de 1905, 18 universitários morreram praticando o esporte. O presidente Theodore Roosevelt ameaçou proibir a modalidade e com isso foram feitas várias mudanças para ajudar os jogadores e para deixar o esporte mais seguro. No meio desse pacote de mudanças surgiu a característica principal do futebol americano: o passe para frente, uma ideia do treinador John Heisman. As mudanças surtiram efeito e o esporte começou a ter mais visibilidade. Os jogos se tornaram mais dinâmicos, com passes, avanços rápidos e jogadores mais espalhados pelo campo. Em 1920 foi criada a *American Professional Football Conference*, que em dois anos depois seria conhecida como *National Football League*, a NFL.

Com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, em 1942, várias mudanças aconteceram no futebol americano. Mais de 600 jogadores foram chamados para a guerra, fazendo com que alguns times tivessem que se juntar para não parar de jogar. Foi o caso de Steelers e Eagles, que jogaram toda a temporada de 1943 com o nome de Steagles. Até a guerra, os 11 jogadores em campo faziam as funções de ataque e defesa, como também é visto no futebol e no rugby. Mas como muitos jogadores foram para a guerra, ficou difícil encontrar jovens talentosos que jogassem tanto no ataque quanto na defesa. Assim foi criada a divisão de funções. Com o jogador se preocupando apenas em atacar ou defender, ele se especializava naquela posição e poupava tempo de treinamento.

A década de 50 foi o ano de expansão comercial do esporte. A NFL começou a ter partidas transmitidas pela televisão para todo o país, o que a fazia ter vantagem sobre o beisebol, na época o esporte favorito dos Estados Unidos. Um momento marcante foi a final do campeonato de 1958, entre Baltimore Colts e New York Giants, onde 45 milhões de pessoas (uma em cada quatro pessoas nos EUA) acompanharam o jogo de casa, quebrando recordes da televisão estadunidense.

Depois da explosão de crescimento do esporte no país, vários times surgiam e quiseram ser aceitos na NFL, mas a liga os recusou. Foi criada então, a *American Football League* (AFL) para fazer concorrência. Depois de alguns anos de rivalidade, as duas ligas se aproximaram e criaram o *Super Bowl*, uma partida que seria disputada em campo neutro entre o campeão da NFL e o campeão da AFL. A unificação total das ligas aconteceu em 1970, onde os 10 times da AFL se juntaram aos 16 da NFL. Com isso a audiência televisiva dobrou e o futebol americano se firmou como esporte favorito dos estadunidenses.

Da década de 70 até os dias atuais muitas lendas foram criadas e poucas mudanças significativas foram realizadas. Em 2007, a NFL começou a organizar pelo menos uma partida por temporada no estádio Wembley, em Londres, de olho na expansão e popularização do esporte pelo mundo. O Buffalo Bills joga no Canadá e a liga planeja jogos na Alemanha, Japão e Austrália. O *Super Bowl* e seus 200 milhões de espectadores só perdem para a final da Liga dos Campeões da Europa. Além disso, tem o espaço publicitário mais caro do mundo, onde marcas podem chegar a pagar três milhões de dólares por anúncio.

Já no Brasil, o futebol americano no Brasil ainda é um esporte amador. Nascido no começo dos anos 2000, foi apenas em 2009 que a primeira partida totalmente equipada foi disputada em solo nacional. A realidade do esporte no Brasil é bastante diferente dos Estados Unidos, país de origem da modalidade e local em que o esporte ocupa o primeiro lugar em sucesso comercial. Porém, os números de audiência da National Football League (NFL) - liga estadunidense e principal competição do mundo - no Brasil indicam a forte adesão ao futebol americano. Acredita-se que, atualmente, o Brasil seja o terceiro país que mais consome NFL no mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos e México, respectivamente.

Ainda assim, o esporte está longe de ser totalmente difundido. O número de times praticantes e o número crescente de atletas envolvidos dão uma noção da dimensão do futebol americano no Brasil, mas revelam também a falta de investimento no esporte. A

modalidade é considerada amadora porque praticamente todos os atletas não ganham salário para se dedicar exclusivamente e têm que dividir seu tempo entre treinamento/preparação com as obrigações cotidianas de trabalho e estudos. Além disso, muitos clubes só se mantêm com a cobrança de mensalidades de seus integrantes, somando, assim, mais uma despesa para a vida dos jogadores que já têm o alto custo de equipamento da modalidade para arcar.

Orgãos públicos e instituições privadas pouco se interessam pelo esporte. Como não é uma modalidade com regras simples e conhecidas, a falta de exposição na mídia e na programação da TV são fatores que intimidam grandes investidores de apostarem no esporte. Para a Seleção Brasileira ter disputado o Mundial em 2015, por exemplo, foi necessário um financiamento coletivo na internet para bancar parte das despesas coletivas do time e individuais de diversos jogadores convocados.

Essa realidade, tanto técnica quanto financeira, revela um esporte com um potencial gigantesco e ainda em desenvolvimento. Considerando todas as informações acima, um grupo de investidores e entusiastas do futebol americano brasileiro decidiu criar o projeto perfeito para impulsionar a modalidade em ambos os aspectos. A ideia de um campeonato definitivo e sólido, que seria um produto comercial de sucesso e, ao mesmo tempo, aceleraria o nível técnico do esporte foi divulgada em 2013, sob o nome de LFA (Liga de Futebol Americano).

Inspirada no modelo norte-americano de franquias, a LFA seria composta por seis times de cinco estados diferentes que jogariam entre si e concentrariam os melhores jogadores do país. Através de um sistema de *draft* (divisão igual de jogadores, em que cada equipe seleciona um atleta por vez), as franquias poderiam decidir quais jogadores, do Brasil todo, seriam os ideais para montar seus elencos. Além disso, os times contariam com sete atletas norte-americanos e um treinador norte-americano para reforçarem e transmitirem conhecimento técnico para os jogadores brasileiros. No fim, essas seis equipes formariam a Seleção Brasileira de Futebol Americano que seria a representante do país em competições internacionais.

Assim, Florianópolis, São Paulo (com 2 times), Rio de Janeiro, Cuiabá e Curitiba seriam sedes das franquias e teriam gestões próprias para administrar o dinheiro dos patrocinadores e criação de estádios próprios. Além disso, a LFA fechou parceria com patrocinadores de peso - a empresa de material esportivo Under Armor, que pretendia entrar no mercado brasileiro - e negociou direitos de transmissão para a televisão por assinatura (canais SporTV, do grupo Globosat). Com final marcada para o dia 3 de

novembro de 2013, o campeonato prometia revolucionar e impulsionar o futebol americano do Brasil.

Porém, apesar do marketing e dos trâmites legais da liga estarem bem avançados, a LFA divulgou um atraso em seu calendário. Posteriormente, esse atraso se transformou no anúncio de cancelamento repentino da competição, deixando diversos dirigentes e atletas em meio ao processo de preparação para ela. Vários jogadores largaram sua realidade e suas famílias para se mudar para outras cidades e realizar o sonho de finalmente se profissionalizar no esporte. Times que disputariam uma competição estável e com investimento, viram-se tendo que correr atrás de patrocínios municipais para garantir campos improvisados para disputar partidas com condições bem longe das ideais.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 Do Tema

O Brasil é um país ainda muito carente de iniciativas de incentivo ao esporte. A realidade do mercado esportivo brasileiro reflete a monotemática mídia especializada que traz para a agenda da população apenas pautas relacionadas ao futebol. Mesmo sediando os Jogos Olímpicos em 2016, o jornalismo esportivo brasileiro ainda é muito tímido quando o assunto é dar visibilidade para atletas de diferentes modalidades. Nesse contexto, o futebol americano é um dentre tantos esportes que lutam contra o monopólio do futebol e buscam maneiras de se tornarem viáveis financeiramente.

Apesar da modalidade ser praticada de maneira oficial desde 2009, o Brasil nunca possuiu uma competição definitiva de futebol americano. A logística de viagens sempre dificultou muito a viabilidade de jogos entre times de regiões muito distintas e acabou criando a regionalização de muitos campeonatos. Apesar de algumas tentativas de criar campeonatos nacionais (LBFA e Torneio Touchdown), os responsáveis pelas gestões desses torneios nunca conseguiram se estabelecer como opções sólidas de investimentos para a iniciativa privada. Sem grande apoio governamental, a Confederação Brasileira de Futebol Americano depende muito mais dos trabalhos das federações estaduais para difundir o esporte do que de suas próprias ações.

Assim, o futebol americano praticado no Brasil ainda é um esporte muito elitizado. Os custos de equipamento adequado, mensalidades para manutenção dos times, alimentação, cuidados médicos e deslocamento para jogos faz com o que o esporte ainda seja considerado um *hobby* caro. Apesar de contar com atletas de alto nível continental, a falta de uma liga bem estruturada sempre dificultou a entrada de patrocinados interessados em investir na modalidade e, conseqüentemente, na profissionalização dos atletas.

O fato que mais influenciou a história do futebol americano, desde seu início, foi o projeto da Liga de Futebol Americano (LFA). Contar a história da LFA é muito mais do que contar sobre um projeto da iniciativa privada brasileira que não deu certo, é contar sobre as dificuldades que este esporte -- assim como tantos outros --- enfrenta para conseguir valorizar adequadamente seus atletas em um país que só enxerga uma modalidade.

A profissionalização esportiva, bem como a política do esporte do Brasil, é um tema que merece maior destaque na mídia. Falar sobre a LFA é também falar sobre como o esporte no Brasil é estruturado e a carência que o país ainda tem em planejamento e excelência de gestão esportiva. Isso sem contar a relevância que a modalidade adquiriu paralelamente

aos olhos da grande mídia, tornando-se necessária sua valorização em formatos que registrem sua história.

Por fim, o documentário é uma mídia que permite explorar distintos pontos e ângulos de um acontecimento. Um fim tão nebuloso quanto o da LFA ainda é um mistério mesmo para quem conhece sua história e, através do *Primeira pro Fim*, buscamos explicar da maneira mais clara e didática possível o que de fato aconteceu. Assim, esperamos contribuir para o desenvolvimento da modalidade através da discussão que o documentário trará sobre a profissionalização esportiva do Brasil e com o registro histórico do episódio mais importante do futebol americano no Brasil -- que ainda nunca havia sido contado.

3.2 Do Formato

Escolhemos o formato em documentário por diversos motivos. O primeiro e principal é a fonte da nossa inspiração: ao assistirmos os episódios da série de documentários *30 for 30* da ESPN, percebemos como o futebol americano é um esporte plástico e extremamente visual que encaixa muito bem em vídeo. A forma como as histórias singulares trazem narrativas inventivas fizeram com que considerássemos mais ainda a escolha pelo formato. Além disso, percebemos a força do material que tínhamos em mãos e como seria difícil colocar em outra mídia que não o vídeo a cultura do futebol americano e a emoção de quem se envolveu com a história.

Outro ponto fundamental para escolhermos documentário é referente às nossas experiências acadêmicas durante a graduação: sempre nos interessamos muito por rádio e impresso, mas o vídeo sempre foi um desafio. Como esta seria a nossa última chance de fazer um produto autenticamente autoral, decidimos nos desafiar e nos arriscar em um terreno que não dominamos tão bem. Isso, obviamente, aumentou o tempo de produção e dificuldade de execução do projeto, mas gerou um conhecimento significativo para a nossa formação e deu uma tranquilidade muito maior para quando lidarmos com vídeo no mercado de trabalho.

Por fim, quando começamos a discutir as ideias de tema, tínhamos muito claro em nossas cabeças qual tipo de trabalho gostaríamos de realizar. Tivemos grande amigos e ex-colegas que fizeram seus TCCs em vídeo e sempre nos espelhamos no que mais admirávamos neles. Aos poucos, a escolha por documentário se tornou natural, já que

sempre mirávamos numa excelência de trabalho que tínhamos conhecido através dos documentários de nossos amigos.

4 PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Pré-apuração

O primeiro grande depoimento e o primeiro contato que tivemos com a história foi através do jogador Vinícius Zanon, do São José White Sharks Istepôs e da seleção brasileira de futebol americano, em uma viagem para Paulínea, em São Paulo. Um dos criadores do documentário fazia parte do time de São José e viajou com a equipe até a cidade, onde enfrentariam o São Paulo Storm, e ouviu o relato por uma hora e meia. Durante esse relato, Zanon contou com detalhes os planos da LFA e o sentimento da comunidade do futebol americano em relação à ela, revelando também o quanto as pessoas ainda não sabem ao certo o que de fato aconteceu.

A pesquisa para este trabalho começou poucos meses antes do início da disciplina Técnicas de Projeto em Comunicação, e consistiu em levantar todos os dados possíveis sobre a Liga de Futebol Americano que havia disponível na internet. Encontramos poucas informações e sempre em sites especializados sobre futebol americano. Isso nos deixou ainda mais curiosos, já que a importância e a quantidade de informações disponíveis sobre o tema eram discrepantes. O site e o Facebook da LFA foram excluídos, mas as contas no Youtube e no Twitter continuaram ativas, e foi no Twitter que encontramos o link para o encarte oficial da liga, publicado na plataforma Issuu. Com ele conseguimos muitas informações básicas sobre a liga, como a proposta para os jogadores brasileiros e americanos, a estruturação do campeonato, a arena que seria construída em São Paulo, o acordo com o canal SporTV, a proposta em relação à seleção brasileira, os executivos e conselheiros da liga e os treinadores americanos que comandariam as equipes.

4.2 Apuração

4.2.1 São Paulo

São Paulo foi a nossa primeira viagem do documentário e também a mais longa. Ficamos 10 dias na capital paulista, do dia 2 de setembro até o dia 12. Foi a cidade onde conseguimos a maioria das entrevistas, quatro das oito, além de gravar dois jogos completos de futebol americano como imagens de cobertura. Foi a viagem melhor organizada e detalhada, pela sua importância e tamanho.

A primeira entrevista era com o KC Frost, um dos criadores da liga e jogador do Flamengo FA. Realizamos a entrevista duas horas depois de desembarcar em São Paulo e, pela

correria de atravessar a cidade, não estávamos totalmente preparados. Foi a entrevista mais importante do documentário e que mais deu problemas, justamente por ser a primeira. Ainda não estávamos acostumados com o equipamento e ocorreram algumas falhas técnicas, como iluminação e enquadramento. Chegamos na metade da tarde de um dia nublado e gravamos dentro da casa do entrevistado, por isso na metade da conversa a iluminação estava fraca. Tivemos que aumentar o ISO das câmeras para poder gravar. Por ser dentro da casa dele, não tivemos problemas com áudio. A entrevista rendeu muito, e KC surpreendeu com a quantidade de conteúdo que passou. Foram quase duas horas de entrevista e ela acabou se tornando a principal do documentário.

No dia seguinte fomos para o estádio Canindé fazer as gravações de dois jogos, que aconteceriam um na sequência do outro, e também conseguimos uma entrevista improvisada com o jogador do Cuiabá Arsenal Igor Mota. O dia estava alternando entre nublado com abertura de sol, o que complicou um pouco a fotometria das câmeras em alguns momentos. Como não teria nenhum jogador fonte na primeira partida, aproveitamos e pegamos imagens gerais do esporte, com *takes* abertos, médios e fechados, dos jogadores em campo, do lado de fora e da torcida, cada um ficando em um lado do campo. Isso ajudou a nos acostumar com enquadramento, foco e fotometria. Na segunda partida havia dois jogadores fontes, então alternamos entre lances gerais da partida e imagens focadas neles. Como queríamos entrevistar um jogador de cada franquia da LFA, abordamos o Igor Mota nas próprias arquibancadas do Canindé, com barulho de torcida, enquanto o time dele assistia a outra partida do dia. Por causa disso, o áudio fica comprometido em algumas partes, mas conseguimos boas e únicas informações com ele. Além disso, no meio da entrevista a bateria de uma câmera acabou e fomos obrigados a trocar. A outra câmera não tinha suporte para microfone, então adaptamos a lapela em um celular, que deixou a qualidade do áudio bem baixa. Por ser jogador da seleção brasileira, Igor ajudou com informações sobre a relação da LFA com a seleção, e também a relação simbiótica entre a franquia de Cuiabá, o Bravo Oeste, e o time amador da cidade, o Cuiabá Arsenal. A entrevista chegou perto dos 30 minutos.

Na terça, dia 6, realizamos a entrevista do jogador Victor Hugo Souza, do Corinthians Steamrollers, na academia onde ele treina, para fazer imagens da sua rotina. Todas as paredes eram pretas, mas como queríamos ambientar o jogador, mesmo assim gravamos dentro da academia. Como já estávamos mais acostumados aos equipamentos, o ISO das câmeras não ficou muito alto e a qualidade das imagens ficaram boas, mesmo com a iluminação não sendo o ideal. Durante a entrevista o jogador ficou usando um boné branco,

o que ajudou na reflexão da luz. Por ser em um espaço fechado, não tivemos problemas com o áudio. No máximo, o que dá para ouvir são pessoas mexendo em equipamentos de academia, o que ajudou na ambientação da entrevista. Victor Hugo foi importante por dar a sua visão única de jogador que vive do futebol americano, mesmo a modalidade sendo amadora. A entrevista durou quase uma hora.

Para terminar as entrevistas em São Paulo, no dia 7 de setembro nos encontramos com Leandro Fratini no Parque Ibirapuera. Além de jogador da Lusa Lions, ele foi assistente financeiro da LFA. Depois de rodar alguns minutos dentro do parque tentando achar um lugar mais isolado, começamos a entrevista no começo da tarde. O dia estava nublado com poucas aberturas de sol, então a fotometria não foi muito alterada. Logo no começo da entrevista começou a chover bem de leve, então improvisamos um casaco na câmera e um guarda chuva na outra para continuar filmando. Por ser um parque com muita circulação de pessoas, houve momentos em que foi audível alguns gritos e barulhos de bicicletas, mas nada que interferiu muito na qualidade final do arquivo. Fratini foi muito importante por também estar por dentro dos bastidores da LFA, e ajudou muito com números da liga. Por exemplo, quanto foi gasto, quanto precisaria no total para a liga sair do papel, salário dos jogadores, salário da comissão técnica. A entrevista durou um pouco mais de uma hora.

4.2.2 Curitiba

Depois da experiência adquirida com a viagem para São Paulo, fomos mais preparados para Curitiba entrevistar dois jogadores da seleção brasileira e do Curitiba Crocodiles, o maior time do Paraná. A viagem foi feita de carro, então tínhamos mais liberdade de horários e deslocamento mais fácil. Optamos por um fundo neutro, de parques. Fomos no dia 16 de setembro, sexta-feira, e voltamos no domingo, dia 18.

A primeira entrevista foi com o jogador Bruno Santucci, que foi o sexto jogador geral a ser escolhido no draft (sistema de escolha dos jogadores brasileiros) da LFA. Nos encontramos no Parque Barigui perto do meio dia de sábado. O dia estava com um céu sem nuvens, ou seja, com bastante luz. Apesar de saber que a luz do sol não ficaria boa, foi o único horário que o jogador tinha disponível, já que logo depois ele treinaria até o final da tarde. Pela quantidade de luz, o foco da câmera de corte ficou mais difícil de ser ajustado. Perto de onde fizemos a entrevista havia alguns aviões de controle remoto sobrevoando o parque, atrapalhando o som em alguns momentos. Devido ao calor e a

quantidade de tempo que ficou ligada, uma câmera entrou em modo de resfriamento e se desligava a cada 30 segundos. Perto do final da entrevista, a outra câmera também entrou nesse modo, se desligando, mas pouca coisa foi perdida. Santucci foi importante para dar a visão dos jogadores veteranos no esporte, por ser da seleção brasileira e também fez um bom panorama do futebol americano no estado do Paraná. A entrevista durou mais ou menos uma hora.

No domingo de manhã, entrevistamos Adan Rodriguez na Praça do Japão. Por ser uma praça pequena, havia influência dos sons da rua, como carros e ônibus passando. Apesar disso, a lapela aguentou bem e o áudio não foi comprometido. Foi uma das entrevistas mais rápidas porque o entrevistado era bastante conciso nas suas falas. Por ter várias árvores, demoramos para achar um lugar que não pegasse sol e sombra. Adan, além de jogador, também faz parte da Federação Paranaense de Futebol Americano, e por isso tem uma visão mais contextualizadora da situação, o que foi importante para a sua escolha como fonte.

4.2.3 Florianópolis

Mesmo morando em Florianópolis, as fontes da capital catarinense foram as últimas a serem entrevistadas. Por termos uma proximidade maior com os entrevistados daqui, decidimos gravar com eles por último para poder conseguir tirar o melhor que eles tinham a oferecer nas respostas – uma vez que neste ponto já teríamos tido uma visão geral do material que tínhamos com as respostas dos entrevistados das outras regiões.

Para entrevistar o Vinícius Zanon, combinamos que o encontraríamos em um dia de semana em sua casa e procuraríamos nas redondezas o ambiente mais adequado para a gravação. Vinícius mora em um bairro residencial com um parque próximo, o que julgamos ser a melhor opção disponível, mas justo no dia da entrevista o parque estava consideravelmente barulhento por conta de um trabalho de escola de algumas crianças do bairro. Outro ponto a ser considerado sobre a sua entrevista é que ela durou entre o meio e o fim da tarde, o que acabou criando uma diferença de imagem do começo para o final da gravação com o pôr-do-sol.

Já o outro Vinícius de Florianópolis, o Vinícius Araújo, foi escolhido um sábado de manhã para realizar a entrevista, no Parque de Coqueiros na parte continental da cidade. A escolha do lugar se deu por ser o local de treinos do time da região e por localizar geograficamente o espectador com o cenário da ilha ao fundo. Mesmo assim, não

encontramos um ângulo favorável que colocasse a ponte em evidência ao fundo do quadro.

4.3 Fontes

Muitas pessoas se envolveram com a história da LFA e se ofereceram para dar sua opinião e visão sobre a história. Portanto, tentemos estabelecer alguns critérios para a escolha das fontes, a fim de ser o mais plural possível nos pontos de vista sobre o assunto. Primeiro, identificamos os personagens principais da história, sendo Marcelo de Paulos e Bruce Daniels os dois sócios da empresa responsável pela gestão da liga. Além deles, KC Frost era o “rosto” do negócio e Diretor de Operações Esportivas da liga e Leandro Frantini o responsável pela parte financeira. Por isso, essas cinco pessoas foram as primeiras a serem definidas e abordadas.

Em seguida, consideramos os diferentes perfis de jogadores que poderiam contribuir com a história, levando em consideração também a pluralidade de regiões para tentar mostrar um pouco de cada. Infelizmente a viagem para o Rio de Janeiro não foi possível, o que fez com que a cidade tenha sido a única a não ter um jogador representante nas entrevistas. Nos programamos para encontrar o jogador de Cuiabá em São Paulo, mas tivemos a infelicidade de só conseguir realizar a entrevista na arquibancada do Canindé – o que dificultou bastante seu áudio.

Dentre os outros, encontramos diferentes perfis para compor os entrevistados: referências técnicas do esporte, rostos conhecidos da seleção e rostos até então desconhecidos pela comunidade do futebol americano que ganharam destaque com a liga.

Bruce Daniels – Bruce era o americano que viu no futebol americano a oportunidade de criar uma liga profissional e lucrar com isso. Antes mesmo do fim da liga, Bruce já tinha ido para os Estados Unidos morar com a sua mulher e participava das decisões virtualmente. Entramos em contato virtualmente com ele e não obtivemos nenhum tipo de resposta.

Marcelo de Paulos – Marcelo entrou no negócio pela sua grande experiência no marketing esportivo brasileiro e sua rede de contatos que viabilizaria o projeto. Citado nominalmente em basicamente toda matéria que encontramos na pré-apuração, tentamos nos comunicar com ele através do LinkedIn, Twitter, Facebook e e-mail, sempre sem nenhum sucesso. Pelo seu perfil do LinkedIn, descobrimos que atualmente ele estava trabalhando como Diretor de Soluções da Yahoo Brasil. Então, quando estávamos em São

Paulo, decidimos bater na porta e falar com sua secretária para conversarmos com ele. Apesar de nos receber, admitir ter lido as mensagens e ter ignorado propositalmente, Marcelo conversou conosco por duas horas e não autorizou nenhum tipo de gravação, anotação ou divulgação do conteúdo da conversa. Por ter um olhar muito único sobre a situação e ter nos dado informações preciosas, insistimos para que ele liberasse apenas algumas informações ou gravasse apenas as perguntas que se sentisse confortável em responder. Alegando não querer mais nenhuma retaliação judicial, Marcelo recusou novamente e reiterou seu pedido de não-veiculação do conteúdo através de um e-mail.

KC Frost – KC Frost era um americano vivendo no Brasil quando Bruce o contratou para trabalhar em uma incorporadora de imóveis e, mais tarde, na Brazen. Frost seria o rosto da liga e a ponte entre os empresários e o mundo do futebol americano no Brasil. Ele nos respondeu imediatamente e se mostrou muito contente em participar e contribuir com a produção do documentário. Além de nos receber em sua casa e dar a melhor das entrevistas, com mais detalhes e análises contextualizadoras, KC ainda nos apresentou ao americano Andy PESQUISAR O NOME que nos deu acesso a algumas imagens de arquivo da época em que KC chegou ao Brasil.

Leandro Fratini – Leandro era colega de KC no Corinthians e foi convidado para participar do projeto da Brazen para a LFA. Assumiu o cargo de assistente financeiro e nos deu as principais informações envolvendo o dinheiro da liga, patrocinadores, investidores e toda essa parte financeira e operacional. Topo dar entrevista no Parque Ibirapuera e também se mostrou bastante solícito para falar sobre o que aconteceu.

Vinícius Zanon – Vinícius foi selecionado para a franquia de Florianópolis e se mudou de Santa Maria para a capital catarinense por causa do sonho da profissionalização. Foi seu relato que acabou nos levando a esse tema e, além de colocar muita emoção em suas respostas, também fez comentários muito contextualizadores e analíticos sobre o futebol americano do Brasil. Nos recebeu em sua casa e fez a ponte com diversos outros jogadores.

Vinícius Araújo – Chamou nossa atenção por ter sido selecionado para a franquia de Florianópolis mesmo morando em Cuiabá. Vinícius estava disposto a largar emprego, família, faculdade e namorada para jogar futebol americano em uma cidade completamente diferente e distante. Apesar da LFA não ter acontecido, acabou vindo da mesma forma para Florianópolis. Nos encontrou no Parque de Coqueiros na parte continental da cidade e falou bastante sobre sua experiência de vida com o esporte e determinação para chegar no topo – oportunidade que viria com a LFA.

Adan Rodriguez – Adan é um dos maiores ícones da seleção brasileira de futebol americano e dessa geração de jogadores. Campeão brasileiro com o Coritiba Crocodiles, também foi selecionado para a franquia do Paraná e atuava como dirigente do time amador na época que a Brazen surgiu com o projeto. Na vida profissional, Adan era dono de uma das empresas que prestaria serviço à liga e acabou tomando prejuízo. Nos encontrou na Praça do Japão, na capital paranaense, e deu uma entrevista sucinta e esclarecedora ao mesmo tempo.

Bruno Santucci – Selecionado como primeira escolha do Missão Paraná, Santucci também é um ídolo atual da seleção brasileira e referência técnica do futebol americana. É sócio de Adan na empresa HCoach, que prestaria o serviço de banco de dados para a Brazen. Nos encontrou no Parque Barigui, em Curitiba, e sua entrevista contribuiu bastante com a visão dos jogadores em relação ao nível de dedicação exigido com a prometida profissionalização.

Victor Hugo “Mega” – Único entrevistado brasileiro que não foi selecionado da maneira convencional, Victor Hugo não jogava o futebol americano com equipamentos quando a LFA surgiu. Foi convidado por causa dela para participar de testes adicionais para as equipes completarem os elencos com posições faltantes e acabou tendo nesses testes a sua primeira oportunidade de aparecer para a modalidade nacionalmente. Atualmente é um dos poucos jogadores brasileiros profissionais e traz para o documentário em suas entrevistas a visão do potencial esportivo no país que a profissionalização alcançaria. Nos recebeu em sua academia em que realiza treinos diários, na zona sul de São Paulo.

Igor Mota – Primeira escolha da franquia de Cuiabá, Igor é capitão da seleção brasileira de futebol americano e também uma referência nacional. Conversou brevemente com a gente na arquibancada do Estádio do Canindé e teve uma das entrevistas mais rápidas e pouco produtivas do trabalho. Respondeu questões regionalizando bastante e salientando as dificuldades que os jogadores amadores ainda enfrentam no Brasil.

4.4 Edição

O processo de edição do documentário foi sistematizado para que pudéssemos ter uma visão clara sobre o conteúdo e sua forma. Primeiro, criamos uma tabela para colocar a minutagem de cada uma das respostas feitas aos entrevistados. Depois, decidimos a ordem dos temas abordados e a forma como trataríamos cada um deles. Assim, cruzamos as respostas por tema de cada entrevistado e sempre tínhamos uma noção de todo o

material que tínhamos disponível sobre cada um dos assuntos. Organizamos os trechos relevantes de cada sonora, necessidade de OFFs de ligação e de contextualização e ganchos para próximos temas.

Após montar tudo isso em um arquivo em formato de timeline, montamos o esqueleto do documentário no software de edição Adobe Premiere Pro e arrumamos eventuais detalhes de ligação entre sonoras. Depois, escrevemos e gravamos os OFFs para inserir nos espaços indicados previamente. Por fim, escolhemos entre as imagens de cobertura que havíamos feito nos jogos que cobrimos e selecionamos os trechos que melhor combinavam com o conteúdo exibido, além de encontrar momentos em que a câmera de corte se fazia necessária.

Percebemos que, em alguns momentos, as imagens que tínhamos não eram fortes o suficiente para segurar a atenção do espectador durante a narrativa. Por isso, optamos por animações para simplificar e dialogar com o áudio para tentar deixar o mais visual e claro possível para quem estivesse assistindo. As animações foram feitas no software Adobe After Effects e tivemos que assistir diversas horas de tutoriais na internet para conseguirmos dominar completamente o programa.

5 DIFICULDADES E APRENDIZADO

5.1 Anderson Spessatto

Acredito que as maiores dificuldades que este trabalho impôs foi a inexperiência na área de telejornalismo, a complexidade do tema e a falta de recursos financeiros. Foi um grande desafio se propôr a realizar um documentário em vídeo, sendo que meu contato foi limitado com telejornalismo e durante a maior parte da minha graduação tive experiência com o radiojornalismo. Não fazia pauta pensando no formato de telejornalismo desde a segunda fase, em 2012, durante a disciplina Telejornalismo I, e mesmo assim a diferença de fazer uma matéria de um minuto e meio e um documentário de 50 minutos é grande. Pensar em enquadramento, preocupação com a luz, foco da câmera, planos abertos e fechados, tudo isso foi um resgate ao que aprendi no início do curso de jornalismo. A linguagem também foi outro aprendizado resgatado. Como participei de vários programas da Rádio Ponto UFSC, fui acostumando a escrever textos de forma radiofônica, e com o Primeira pro Fim tive que sair da zona de conforto e pensar e escrever no formato de tele.

Também houve dificuldades em relação ao tema escolhido, por ser complexo e de difícil acesso. Apesar de ser sobre futebol americano, assunto no qual já sou familiarizado há alguns anos, o documentário aborda outras questões como empreendedorismo, relações sociais e processos trabalhistas. O fato de a maioria dos envolvidos não querer falar sobre o assunto também dificultou no processo de apuração, fazendo com que a gente se questionasse e procurasse outras formas de conseguir as informações. Conseguimos contato com uma fonte essencial que conversou com a gente durante duas horas mas não deixou nada ser gravado ou divulgado.

Tínhamos previsto quatro locais de apuração: São Paulo, Curitiba, Florianópolis e Rio de Janeiro, mas, devido a falta de recursos financeiros aliada com o cronograma apertado, acabamos cancelando a viagem para o Rio de Janeiro. Realizamos uma campanha de financiamento coletivo no site [catarse.me](https://www.catarse.me), para ajudar com os gastos das viagens e com a pós-produção do documentário.

Esse com certeza foi o trabalho mais importante da minha vida acadêmica, pela experiência de apuração, edição e imersão ao tema no qual fui submetido. Ter uma fonte que dá uma entrevista de duas horas sem deixar nada ser gravado me fez entender que essa atitude também pode ser lida como informação. A experiência das viagens, contatos

com fontes e preocupação com a parte técnica foram fundamentais na minha formação como jornalista.

5.2 Leonardo Lorenzoni

As dificuldades de fazer um documentário tão pretensioso como esse, para mim, sempre foi justamente a pressão consequente dessa pretensão. A principal maneira de tornarmos viável o financiamento coletivo foi a ampla divulgação da proposta e a promessa de que contaríamos uma história que até quem vive dentro do meio não tem certeza até hoje. Essa pressão, em diversas vezes do processo, fez com que duvidássemos da nossa capacidade de apurar com clareza o que aconteceu e até mesmo de encontrar a melhor forma de contar essa história.

Além disso, minha graduação sempre foi voltada para texto e rádio. Foram poucas as vezes que tive que me preocupar com o texto de um off ou enquadramento de uma cena. Na hora de pensar no formato para contar essa história, sempre tive certeza que o documentário era o formato certo, mas sabia que teria dificuldades técnicas pela pouca prática durante o período de formação.

Apesar disso, os aprendizados durante a execução do projeto foram extremamente valiosos. Na parte da apuração jornalística, percebi o quão difícil é encontrar informações quando o assunto não possui destaque na mídia, como é difícil conseguir o contato de pessoas que não querem ser descobertas e como é complicado lidar eticamente com o jogo de interesse das fontes. Consegui observar também quais foram meus acertos e erros nas entrevistas e de que maneiras diferentes eu poderia ter feito perguntas para conseguir respostas melhores dos entrevistados.

No caso do Marcelo, tive a mais marcante experiência jornalística até agora. Eu sabia que ele não queria falar conosco e que não cederia facilmente as informações que a gente queria. Mesmo nos ignorando virtualmente de todas as maneiras possíveis, aprendi que às vezes a única forma de conversar com uma fonte é tomando coragem e indo bater na porta. Avalio como fundamental a conversa que tivemos com ele na Yahoo Brasil para compreender o contexto administrativo da Brazen e da LFA, além de poder cruzar as opiniões e visões da história que ele nos dava com a que outras fontes já haviam nos dado antes. Conversar com ele foi um enorme desafio porque sabia que o único motivo de ele estar conversando com a gente era para influenciar com sua versão dos fatos as pessoas que contariam essa história.

Em contrapartida, a entrevista com o KC Frost foi o oposto. Polarizando os lados da história, arrisco afirmar que ele estava tão interessado em nos influenciar quanto o Marcelo, mas com a grande diferença da forma: aceitando gravar entrevista, responder a todas as perguntas e sendo solícito em todo tipo de ajudar que precisamos. Comparando as duas conversas, considero ambas fundamentais para a composição do documentário e acho que ambas me ensinaram muito sobre como diferentes comportamentos de fontes podem resultar na mesma intenção por parte delas.

Acho válido citar aqui também a dificuldade e aprendizado de trabalhar em dupla, horizontalizando as decisões e tendo que manter a relação a mais harmoniosa possível para não comprometer a realização do trabalho. Acredito que a escolha pelo Anderson foi acertada pela proximidade e empolgação com o tema que ambos temos, mas também por já termos discutido muito sobre o contexto do futebol americano no Brasil, política do esporte e modelos de jornalismo que gostaríamos de praticar no mercado. Certamente aprendemos muito um com o outro nessa experiência.

6 VIABILIDADE

O formato documentário possui cada vez mais viabilidade econômica no contexto atual da mídia. Sem limitar-se apenas à televisão, os serviços de conteúdo por assinatura (WatchESPN, Netflix, HBO Go, etc.) trazem cada vez mais espaços de publicação para produtores independentes. Os poucos mais de 42 minutos ainda permitem a viabilidade na grade de programação da televisão fechada, visto que diversos especiais e programas temáticos ocupam a média de uma hora com intervalos comerciais.

Além disso, como o tema é de bastante interesse de uma parte segmentada da população e gera bastante curiosidade pelos recém iniciados no esporte, qualquer tentativa de veiculação pela própria internet de maneira aberta pode render uma audiência bastante considerável.

7 ORÇAMENTO

7.1 São Paulo

CATEGORIA	VALOR
Passagens aéreas	R\$ 1.400,00
Estada	Sem gasto
Comida	R\$ 800,00
Transporte dentro da cidade (metrô, ônibus, uber)	R\$ 130,00
Total	R\$ 2.930,00

7.2 Curitiba

CATEGORIA	VALOR
Gasolina (viagem de carro)	R\$ 100,00
Estada	Sem gasto
Comida	R\$ 100,00
Transporte dentro da cidade	R\$ 50,00
Total	R\$ 250,00

7.3 Florianópolis

CATEGORIA	VALOR
Passagens aéreas	Sem gasto
Estada	Sem gasto
Comida	Sem gasto
Transporte	R\$ 30,00
Total	R\$ 30,00

7.4 Edição, pós-produção e outros

CATEGORIA	VALOR
Designer	R\$ 200,00

Tratamento de imagens	R\$ 350,00
Convidado da banca	R\$ 800,00
Total	R\$ 1.350,00

8 REFERÊNCIAS

8.1 Bibliográficas

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. [5 ed.]. Campinas: Papirus, 2012. 270p

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: Técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro: Campus, 2008. 387p.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. [4 ed.] Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008. 247p

SAAD, Ricardo. A volta dos que não foram - O fim de uma liga misteriosa. **10 jardas**, out. 2013. Disponível em: <<http://www.10jardas.com/a-volta-dos-que-nao-foram-o-fim-de-uma-liga-misteriosa>>. Acesso em set. 2016

ESPN. Primeira liga profissional de futebol americano do Brasil perde patrocinador e anuncia cancelamento. **ESPN**, out. 2013. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/360883_primeira-liga-profissional-de-futebolamericano-do-brasil-perde-patrocinador-e-anuncia-cancelamento>. Acesso em set. 2016

8.2 Filmográficas

SMALL Potatoes: Who killed the USFL? Mike Tollin, 2009. Série ESPN 30 for 30, Vol. II. 54 minutos.

BELIEVELAND. Andy Billman, 2016. Série ESPN 30 for 30, Vol. III. 80 minutos.

THE BOOK of Manning. Rory Karpf, 2013. ESPN Films, 77 minutos.

9 ANEXOS



Open Profile: mensagem aceita

Marcelo de Paulos aceitou sua solicitação.

Título: RE: Entrevista TCC

Leonardo:

Este email é para reforçar que não autorizo a utilização de qualquer dos conteúdos sobre o que falamos no documentário que vocês estão realizando.

Como tentei explicar, já houve muito prejuízo pessoal e material nesse processo e gostaria que vocês respeitassem os problemas por que passamos eu, meus sócios e minha família.

Obrigado,
Marcelo de Paulos
